

Hegel, variantes do fragmento "Die Liebe"

Apresentação e tradução de Joãozinho Beckenkamp¹

RESUMO: Na edição crítica da obra de Hegel, permanece uma lacuna importante no concernente a seus textos do período de Frankfurt, ainda não publicados na edição histórico-crítica da academia. Como a edição de Nohl, única referência até hoje, não atende aos critérios editoriais mais atualizados, criou-se uma situação de impasse na investigação do período mencionado. Para tornar clara a extensão do problema, apresenta-se aqui a tradução de um fragmento na edição de Nohl, seguido das duas versões originais do mesmo texto, publicadas por Ch. Jamme.

Palavras-chave: Hegel, Amor, Nohl, Jamme.

ZUSAMMENFASSUNG: In der kritischen Ausgabe von Hegels Werk besteht eine wichtige Lücke bezüglich der Texten aus der Frankfurter Periode, die bis jetzt noch nicht in der historisch-kritischen Edition der Rheinisch-Westfälischen Akademie der Wissenschaften erschienen sind. Da die bis heute benutzte Ausgabe von Nohl nicht mehr den gegenwärtigen Standards einer kritischen Edition entspricht, steht die Untersuchung dieser Periode vor einer unumgänglichen Schwierigkeit. Um das Ausmass dieser Schwierigkeit dem brasilianischen Publikum sichtbar zu machen, wird hier die Übersetzung des von Nohl so benannten Fragments "Die Liebe" gebracht, nebst zweier Fassungen dieses Fragments, von Ch. Jamme 1982 in den Hegel-Studien mit kritischer Sorgfalt ediert.

Schlüssel-Worte: Hegel, Liebe, Nohl, Jamme.

1. Apresentação do material

Na pesquisa voltada para o desenvolvimento juvenil de Hegel, foi possível realizar um significativo avanço desde que se iniciou, no ano de 1968, a edição crítica do conjunto dos textos legados por Hegel. Hoje os pesquisadores interessados no jovem Hegel têm à sua disposição tudo o que sobreviveu de seus escritos, desde o ginásio em Stuttgart até o período de Iena, com uma lamentável exceção: os textos do período de Frankfurt. Esses textos, fundamentais para a compreensão da formação originária das idéias sistemáticas de Hegel, deverão sair no segundo volume da edição crítica (GW 2), cuja edição ficou sob a responsabilidade de F. Nicolin.

Até agora, o texto de referência na investigação do período de Frankfurt têm sido os *Escritos teológicos juvenis de Hegel*, uma seleção dentre os primeiros escritos de Hegel publicada por H. Nohl em 1907. Junto com o trabalho pioneiro de W. Dilthey, cujo livro *A história da juventude de Hegel* é de 1905, a edição de Nohl marcou profundamente a recepção dos textos juvenis de Hegel. Na linha da filosofia da vida, ainda em voga na passagem para o século XX, formou-se a imagem de um jovem filósofo aberto às questões da vida, ao irracionalismo, à teologia etc., uma imagem que se prestava à contraposição com o sistema fechado e racionalista do Hegel maduro. Essa imagem do jovem Hegel só começou a ser desfeita a partir da edição crítica de seus textos de juventude. Hoje é possível formar uma idéia bem mais realista do desenvolvimento de Hegel em Tübingen, Berna e Iena. Falta só o

1. Doutor em Filosofia pela Unicamp e professor adjunto da UFPel. Submetido em 15 de dezembro de 2007 e aprovado para publicação em 17 de março de 2008.

Hegel, variantes do fragmento “Die Liebe”

período de Frankfurt.

Ora, no período de Frankfurt ocorre a inflexão essencial no desenvolvimento do jovem Hegel, aquela que lança os primeiros fundamentos de seu pensamento sistemático – tanto é possível dizer, apesar de toda a precariedade do material até hoje disponível. A lacuna que permanece é, portanto, significativa.

Uma contribuição importante para lançar alguma luz sobre o terreno que deverá ser investigado melhor a partir da edição crítica dos escritos do período de Frankfurt (em GW 2) foi feita por Ch. Jamme com a publicação, segundo os critérios editoriais mais atualizados, do material que resultou no fragmento “Die Liebe” na edição de Nohl. O que o trabalho editorial de Ch. Jamme tornou claro é a existência de duas versões substancialmente distintas dos textos daquele período. Nohl fundiu essas versões num texto único sem nenhuma menção de seu procedimento, o que torna o resultado de seu trabalho bastante problemático. Com o intuito de chamar a atenção dos estudiosos de Hegel no Brasil para a situação problemática em que se encontra a investigação de seu desenvolvimento no período de Frankfurt, publico aqui a tradução do material pertinente.

Concebido inicialmente (mas retirado por razões de espaço) como apêndice ao livro *O jovem Hegel: Formação de um sistema pós-kantiano*, em vias de publicação, o material que se segue consiste na tradução do fragmento que leva o título “Die Liebe” na edição de Nohl (A), seguida da tradução das duas versões (B1 e B2) encontradas nos manuscritos e publicadas por Ch. Jamme na *Hegel-Studien* em 1982. Na tradução dessa edição crítica por antecipação do mencionado fragmento, procurei ser o mais fiel possível ao cuidadoso trabalho do editor, preservando todas as suas indicações editoriais.

2. Tradução

A) “Die Liebe” (NOHL, p. 378-379)²

... a cujo fim, pois, serve todo o restante, nada se encontra em luta com esse, com o mesmo direito; – como, p. ex., Abraão se põe como fim último a si mesmo e sua família, e mais tarde seu povo – ou toda a cristandade, a si mesma – Mas, quanto mais é estendido este todo, quanto mais é reduzido à igualdade da dependência – quando o cosmopolita abrange todo o gênero humano em seu todo – tanto menos recai sobre cada um do domínio sobre os objetos, e do favorecimento do poder reinante; cada um individualmente perde tanto mais em seu valor, em suas exigências, em sua auto-suficiência; sem o orgulho de ser o centro das coisas, o fim do todo coletivo constitui para ele o supremo e despreza a si mesmo, como uma parte tão ínfima quanto todos os indivíduos.

2. H. NOHL (ed.). *Hegels theologische Jugendschriften, nach den Handschriften der Kgl. Bibliothek in Berlin*. Tübingen, Mohr, 1907.

Uma vez que este amor por causa do morto está cercado apenas de matéria, a matéria lhe é em si indiferente, e sua essência consiste em que o homem é em sua natureza mais íntima um contraposto, auto-suficiente, que tudo lhe é mundo exterior, o qual, portanto, é tão eterno quanto ele mesmo, assim certamente mudam seus objetos, mas eles não lhe faltam jamais; tão certo quanto ele é, são eles e sua divindade; daí sua tranqüilidade no caso de perda e seu consolo certo de que a perda lhe será compensada, porque ela lhe pode ser compensada.

Desta maneira, a matéria é para o homem absoluta; mas certamente, se ele mesmo já não fosse, também nada mais seria para ele, e por que ele então teria de ser? É bastante compreensível que ele gostaria de ser; pois fora de sua coleção de restrições, de sua consciência, encontra-se, não a união em si completa e eterna, tão-somente o estéril nada, mas certamente o homem não pode suportar pensar-se nesse nada. Ele é apenas como um contraposto; o contraposto é para si reciprocamente condição e condicionado; ele tem de se pensar fora de sua consciência, nenhum determinante sem determinado, e vice-versa, nenhum é incondicionado, nenhum traz em si a raiz de seu ser, cada qual é apenas relativamente necessário; um é para o outro e, portanto, também para si mesmo tão-somente através de um poder estranho; o outro lhe é atribuído através de seu favor e de sua graça; não se encontra em parte alguma um ser independente, a não ser em um estranho, de cujo estranho o homem recebe tudo de presente, e ao qual ele tem de agradecer por si mesmo e pela imortalidade, pela qual suplica com tremor e temor.

Verdadeira união, genuíno amor, somente se dá entre vivos que são iguais em poder, e, portanto, são de todo vivos um para o outro, de nenhum lado mortos um para o outro; o amor exclui toda contraposição, ele não é entendimento, cujas relações deixam o múltiplo sempre ainda um múltiplo e cuja unidade ela mesma são contraposições; ele não é razão, a qual simplesmente contrapõe seu determinar ao determinado; ele não é algo limitante, nem algo limitado, não é algo finito; ele é um sentimento^[a], mas não um sentimento singular; do sentimento singular, porque apenas uma vida parcial, não toda a vida, a vida rompe através da dissolução, até a dispersão na multiplicidade dos sentimentos, e para se encontrar neste todo da multiplicidade; no amor, esse todo não está contido como na soma de muitos particulares separados; nele se encontra a própria vida, como uma reduplicação de si mesma, e unidade da mesma; desde a unidade não desenvolvida, a vida percorreu, através da formação, o círculo de uma unidade completa^[b]; à unidade não desenvolvida contrapunha-se a possibilidade da separação e o mundo; no desenvolvimento, a reflexão produzia cada vez mais contraposto, o qual era unido no impulso satisfeito, até que ela contrapôs ao homem

[a] no qual, entretanto, não se pode distinguir o que sente e o que é sentido, de maneira tal que esse pudesse ser contraposto àquele, que esse pudesse ser apreendido pelo entendimento e tornar-se objeto. Ele é um sentimento do vivo. Como vivos, os amantes são um. Eles só podem se distinguir em vista do mortal. **[NT: as notas aqui referidas por letras minúsculas são do próprio texto de Nohl, que assim já incluía algumas variantes.]

[b] Esta unidade é vida completa, porque nela foi satisfeita também a reflexão; à unidade não

Hegel, variantes do fragmento “Die Liebe”

a totalidade do próprio homem, até que o amor supera a reflexão em total ausência de objeto, subtrai ao oposto todo o caráter de um estranho, e a vida se encontra a si mesma sem outra carência. No amor o separado ainda é, mas já não como separado – como uno, e o vivo sente o vivo.

Uma vez que o amor é um sentimento do vivo, os amantes só podem distinguir-se na medida em que são mortais, na medida em que pensam esta possibilidade da separação, não como se efetivamente algo estivesse separado, como se o possível ligado a um ser fosse algo *efetivo*. Em amantes não há matéria, eles são um único todo vivo; amantes possuem auto-suficiência, e princípio vital próprio significa apenas: eles podem morrer. A planta tem elementos salinos e terrosos que trazem em si leis próprias de sua eficácia, ela é a reflexão de um estranho, o que quer dizer apenas: a planta pode decompor-se. Mas o amor também procura superar essa distinção, essa possibilidade como mera possibilidade, e unir até mesmo o mortal, torná-lo imortal^[a]. O separável, enquanto ainda é algo próprio antes da completa união, causa embaraço aos amantes, ele constitui uma espécie de conflito entre a entrega total – o único aniquilamento possível, o aniquilamento do contraposto na união – e a auto-suficiência ainda existente; aquela se sente impedida por essa – o amor se irrita com o ainda separado, com uma propriedade; essa irritação do amor com a individualidade é o pudor; ele não é estremecimento do mortal, uma expressão da liberdade de se conservar, de subsistir; num ataque sem amor, um ânimo cheio de amor é ofendido por essa hostilidade mesma, seu pudor torna-se cólera, que agora apenas defende a propriedade, o direito. – Se o pudor não fosse um efeito do amor, que tem a forma da irritação tão-somente sobre o fato de que há algo hostil, mas fosse ele mesmo, segundo sua natureza, algo hostil que quisesse sustentar uma propriedade contestável, ter-se-ia de dizer dos tiranos que eles têm o máximo de pudor, assim como de garotas que não entregam seus encantos sem dinheiro – ou dos vaidosos que querem cativar por eles. Ambos não amam, sua defesa do mortal é o contrário da irritação com o mesmo – eles lhe atribuem em si um valor, eles são despudorados. Um ânimo puro não se envergonha do amor, mas se envergonha por esse não ser perfeito, ele se repreende por ainda existir um poder, algo hostil que constitui um obstáculo para a perfeição. O pudor somente ocorre pela recordação do corpo, pela presença pessoal, no sentimento da individualidade – ele não é um temor pelo mortal e próprio, mas perante o mesmo, um temor que, como o amor, diminui o separável e com ele desaparece; pois o amor é mais forte do que o temor e não teme seu temor, mas dele acompanhado supera separações, com o receio de encontrar uma contraposição resistente e mesmo firme, o amor é um mútuo dar e receber; temeroso de que seus dons pos-

desenvolvida opunha-se a possibilidade da reflexão, da separação; nessa [unidade desenvolvida], a unidade e a separação estão unidas, algo vivo que tinha sido contraposto a si mesmo (e se sente agora a si mesmo), mas não tornava esta contraposição absoluta. No amor, o vivo sente o vivo. No amor, portanto, estão resolvidas todas as tarefas, a unilateralidade autodestrutiva da reflexão, e a contraposição infinita do inconsciente, unidade não desenvolvida.

[a] para superar a intuição, na qual ainda se encontra o separado, ele se toca, se apalpa e penetra um no outro

sam ser desprezados, temeroso de que um contraposto poderia não ceder a seu receber, ele experimenta, se a esperança não o enganou, se ele mesmo se encontra de todo; aquilo que recebe não se torna com isto mais rico do que o outro; certamente enriquece, mas igualmente o outro; da mesma maneira, aquilo que dá não se torna mais pobre; ao dar ao outro, aumentou outro tanto seus próprios tesouros; Julieta em Romeu: quanto mais dou, tanto mais tenho etc. O amor adquire esta riqueza da vida na troca de todos os pensamentos, de todas as multiplicidades da alma, ao procurar infinitas diferenças e achar para si infinitas uniões, voltando-se para toda a multiplicidade da natureza, a fim de sorver o amor de cada uma de suas vidas. O mais próprio se une no contato, no apalpar, até a inconsciência, a superação da diferença; o mortal abandonou o caráter da separabilidade, e um germe da imortalidade, um germe do que eternamente desenvolve e gera a partir de si, um vivo se fez. O unido já não volta a se separar; a divindade operou, criou – Mas esse unido é apenas um ponto, o germe^[a], os amantes nada lhe podem conferir, para que nele se encontrasse um múltiplo, pois na união não foi tratado um contraposto, ela é destituída de toda separação; o próprio recém-gerado tem de ter contraído em si, contraposto e unido em si tudo aquilo pelo qual ele pode ser um múltiplo, ter uma existência. O germe se solta cada vez mais na contraposição, e começa, cada etapa de seu desenvolvimento é uma separação, a fim de voltar a ganhar toda a riqueza da vida. E assim é, agora: o unido, os separados e o reunido^[b]. Os unidos voltam a se separar, mas na criança a própria união tornou-se inseparável. Essa união do amor é certamente completa^[c], mas ela só pode sê-lo^[d] até onde o separado é contraposto apenas de tal maneira que um é o amante e o outro o amado, sendo, assim, cada separado^[e] um órgão de um vivo; além disto, entretanto, os amantes ainda estão em ligação com muita coisa morta, a cada qual pertencem muitas coisas, quer dizer, encontra-se em relação com contrapostos, os quais ainda são contrapostos, objetos, também para aquilo mesmo que relaciona; e assim eles ainda são capazes de uma múltipla contraposição na múltipla aquisição e posse de propriedade e direitos^[f]. O morto que se encontra sob o poder de um está contraposto a ambos, e a união acerca disso parece poder ocorrer tão-somente ao se submetê-lo ao domínio de ambos. O amante que vê o outro na posse de uma propriedade tem de sentir esta particularidade do outro, a qual ele quis, mas não pode ele mesmo suprimir o domínio exclusivo do outro, pois isso seria novamente uma contraposição contra o poder do outro, uma vez que não pode encontrar também uma outra relação ao objeto a não ser a dominação do mesmo; assim ele contraporaria uma dominação ao domínio do outro e

[a] torna-se planta, do mais unido ele passa pelo animal até a vida humana – Mas o separável retorna ao estado da separabilidade; mas os espíritos tornam-se mais unidos do que jamais, e o que ainda era separado de consciência determinada é tudo posto de lado; todos os pontos em que um tinha tocado o outro ou tinha sido por ele tocado, portanto apenas sentido e pensado, são compensados, os espíritos são substituídos.

[b] A criança é os próprios pais

[c] mas tão-somente entre os próprios amantes

[d] enquanto o separado é capaz de uma união no sentimento

[e] uma parte de um

[f] Neste caso, o mais pobre hesita em receber do mais rico, em pôr-se em igualdade de pos-

Hegel, variantes do fragmento “Die Liebe”

suprimiria uma relação do outro, sua exclusão de todos; e, se a posse e a propriedade constituem uma parte tão importante do homem, de suas preocupações e pensamentos, assim também os amantes não podem se abster de refletir neste lado de suas relações; e, se o uso já é comum, o direito à posse permaneceria assim indecيدido; o pensamento do direito certamente não seria esquecido, porque tudo o que os homens possuem agora tem a forma jurídica da propriedade; mas, se o possuidor também coloca o outro em igual direito de posse, então a comunidade de bens é apenas o direito de ambos sobre a coisa.

se com ele, porque esse realizou uma ação da contraposição, pôs-se fora do círculo do amor, demonstrou sua auto-suficiência, mas a este temor que sua propriedade desperta o possuidor se antecipa, suspendendo ele mesmo em relação ao amante seu direito da propriedade, que lhe assistiria em relação a qualquer um, presenteando-o. Presentes são renúncias de uma coisa que simplesmente não pode perder o caráter de um objeto; apenas o sentimento do amor, o gozo é comum; o que é meio para o gozo, está morto, é apenas propriedade, e, uma vez que o amor nada faz de parcial, assim ela não pode receber nada que permaneça ainda um meio, uma propriedade mesmo na ocupação, na união da dominação; uma coisa, algo que se encontra fora do sentimento do amor, não pode ser algo em comum, precisamente por ser uma coisa; ou não pertence a nenhum dos amantes, ou a cada um pertence uma certa parte. Comunidade de bens significa o direito de cada um sobre a coisa, ou a participação igual ou a participação indeterminada; ela envolve sempre uma divisão, e na verdade a necessidade dessa divisão, algo particular, propriedade, decerto não o meio passivo do inutilizado, morto, mas a necessária divisão do mesmo no uso; com aquela não separação da propriedade, enquanto não é usada, a comunidade de bens ilude com uma aparência da total supressão dos direitos, mas no fundo é mantido também um direito sobre aquela parte da propriedade que não é consumida imediatamente, mas apenas utilizada, só que disso não se fala. Na comunidade de bens as coisas não são propriedade, mas nela está oculto o direito, a propriedade de uma parte das mesmas. De acordo com isso deve-se julgar a maneira usual entre amantes de suspender mutuamente os direitos dos amantes sobre coisas – direito pessoal é excluído do amor já por seu nome como um serviço que lhe é abominável – e de ver isso como uma demonstração do amor.

B1) "welchem Zwekke denn alles dient, ...", primeira versão (Schüler n. 69; novembro de 1797)¹

[9 frente]

a cujo fim, pois, serve todo o restante, nada se encontra em luta com esse, com o mesmo direito; – como, p. ex., Abraão se põe como fim último a si mesmo e sua família, e mais tarde seu povo – ou toda a cristandade, a si mesma – Mas, quanto mais estende este todo, mesmo quando, como cosmopolita, abrange todo o gênero humano em seu todo, tanto menos recai sobre cada um do domínio sobre os objetos <deren Spf²[= de sua criação?]> e do favorecimento do poder reinante; cada um individualmente perde tanto mais em seu valor, em seus direitos, em sua auto-suficiência; pois seu valor era a participação no domínio, que agora é cada vez mais restrito. E assim ele despreza profundamente, e na verdade, sem o orgulho de ser o centro das coisas, <ele tem> <o coletivo> o fim do todo coletivo constitui para ele o supremo <,> e despreza a si mesmo <e> bem como todos os indivíduos. Uma vez que a matéria é em si indiferente para este amor por causa do morto, e sua essência consiste em que o

1. Cf. Ch. JAMME, "Hegels Frankfurter Fragment welchem Zwekke denn", in: *Hegel-Studien 17* (1982), p. 11-23. A datação dos escritos juvenis de Hegel, com base sobretudo em sua caligrafia, encontra-se em: G. SCHÜLER. "Zur Chronologie von Hegels Jugendschriften", in: *Hegel-Studien 2* (1963), p. 111-159.

2. Seguindo o editor, indicam-se com <> e <<>> as partes riscadas por Hegel (respectivamente, riscado e riscado originalmente dentro do riscado posteriormente); com [] indicam-se acréscimos do editor e do tradutor. No caso de partes riscadas com sentido impreciso, deixa-se o original alemão, com eventual hipótese de explicitação.

B2) "welchem Zwekke denn alles dient, ...", segunda versão (Schüler n. 84; outono/inverno de 1798/1799)¹

[9 frente]

a cujo fim, pois, serve todo o restante, nada se encontra em luta com esse, com o mesmo direito; – como, p. ex., Abraão se põe como fim último a si mesmo e sua família, e mais tarde seu povo – ou toda a cristandade, a si mesma – Mas, quanto mais <é> estendido este todo, quanto mais é reduzido à igualdade da dependência, quando o cosmopolita abrange todo o gênero humano em seu todo, tanto menos recai sobre cada um do domínio sobre os objetos, e do favorecimento do poder reinante; cada um individualmente perde tanto mais em seu valor, em suas exigências, em sua auto-suficiência; sem o orgulho de ser o centro das coisas, o fim do todo coletivo constitui para ele o supremo e despreza a si mesmo, como uma parte tão ínfima quanto todos os indivíduos. Uma vez que este amor por causa do morto está cercado apenas de matéria, <e para ele> a matéria lhe é em si indiferente, e sua essência consiste em que o

1. Cf. Ch. JAMME, "Hegels Frankfurter Fragment welchem Zwekke denn", in: *Hegel-Studien 17* (1982), p. 11-23.

Hegel, variantes do fragmento “Die Liebe”

[9 verso]

que o homem é em sua natureza mais íntima um contraposto, auto-suficiente, para o qual tudo é mundo exterior, o qual, portanto, é tão pouco quanto ele mesmo, assim certamente mudam seus objetos, mas eles não lhe faltam jamais; tão certo quanto ele é, são eles e sua divindade; daí sua tranqüilidade no caso de perda e seu consolo certo de que a perda lhe será compensada, porque ela lhe pode ser compensada.

Desta maneira, a matéria é para o homem absoluta; mas certamente, se ele mesmo já não fosse, também nada mais seria para ele, e por que ele então teria de ser? Ele é apenas como um contraposto, o contraposto é para si reciprocamente condição e condicionado; nem um simplesmente determinante, nem um simplesmente determinado, e vice-versa, nenhum é incondicionado, nenhum traz em si a raiz de seu ser, cada qual é apenas relativamente necessário; um é atribuído ao outro e, portanto, também a si mesmo tão-somente através <do poder> de um poder estranho

[9 verso]

que o homem é em sua natureza mais íntima um contraposto, auto-suficiente, que tudo lhe é mundo exterior, o qual, portanto, é tão pouco quanto ele mesmo, assim certamente mudam seus objetos, mas eles não lhe faltam jamais; tão certo quanto ele é, são eles e sua divindade; daí sua tranqüilidade no caso de perda e seu consolo certo de que a perda lhe será compensada, porque ela lhe pode ser compensada.

Desta maneira, a matéria é para o homem absoluta; mas certamente, se ele mesmo já não fosse, também nada mais seria para ele, e por que ele então teria de ser? É bastante compreensível que ele <quer> gostaria de ser; pois fora <de sua consciência, fora de sua contraposição> de sua coleção de restrições, de sua consciência, encontra-se <apenas o>, não a união em si completa e eterna, <mas> tão-somente o estéril nada, <e nesse o homem certamente não se pode suportar> mas certamente o homem não pode suportar pensar-se nesse nada. Ele é apenas como um contraposto, o contraposto é para si reciprocamente condição e condicionado; ele tem de se pensar fora de sua consciência, nem algo determinante, nem determinado, e vice-versa, nenhum é incondicionado, nenhum traz em si a raiz de seu ser, cada qual é apenas relativamente necessário; um é para o outro e, portanto, também para si mesmo tão-somente através de um poder estranho

[10 frente]

e através de seu favor e de sua graça; não se encontra em parte alguma um ser independente, a não ser em um estranho, de cujo estranho o homem recebe tudo de presente, ao qual ele deve a si mesmo e sua imortalidade, pela qual suplica com tremor e temor.

Verdadeira união, genuíno amor, somente se dá em relação ao vivo; o amor exclui toda contraposição, ele não é entendimento, cujas relações deixam o múltiplo sempre ainda um múltiplo; ele não é razão, a qual simplesmente contrapõe seu determinar ao determinado; ele não é algo limitante, nem algo limitado, não é algo finito; ele é um sentimento, no qual, entretanto, não se pode distinguir o que sente e o que é sentido, de maneira tal que esse pudesse ser contraposto àquele, que esse pudesse ser apreendido pelo entendimento e tornar-se <um> objeto – ele é um sentimento do vivo. Como vivos, os amantes são um. Eles só podem distinguir-se <em vista de> na medida em que

[10 frente]

o outro lhe é atribuído através de seu favor e de sua graça; não se encontra em parte alguma um ser independente, a não ser em um estranho, de cujo estranho o homem recebe tudo de presente, e ao qual ele tem de agradecer por si mesmo e pela imortalidade, pela qual suplica com tremor e temor.

Verdadeira união, genuíno amor, somente se dá entre vivos que são iguais em poder, e, portanto, são de todo vivos um para o outro, de nenhum lado mortos um para o outro; o amor exclui toda contraposição, ele não é entendimento, cujas relações deixam o múltiplo sempre ainda um múltiplo e cuja unidade <é contraposição> ela mesma são contraposições; ele não é razão, a qual simplesmente contrapõe seu determinar ao determinado; ele não é algo limitante, nem algo limitado, não é algo finito; ele é um sentimento, mas não um sentimento singular; do sentimento singular, <porque <<nenhum>> todo sentimento> porque <todo sentimento> <é> apenas uma vida parcial, <e> não toda a vida, a vida rompe através da dissolução, até a dispersão na multiplicidade dos sentimentos, <, e da vida> <devido> <o amor> <<; no amor é>> e para se encontrar neste todo da multiplicidade; <mas o> no amor, esse todo não está contido como na soma de muitos particulares separados; nele <é um e todos> encontra-se a própria vida, <ele> como uma reduplicação de si mesma, e unidade da mesma; desde a unidade não desenvolvida, a vida percorreu, através da formação, o círculo <du> de uma unidade <total> completa; <esta unidade é vida completa, porque nela foi satisfeita também a reflexão; à

unidade não desenvolvida opunha-se a possibilidade da reflexão, da separação; <aqui> nessa [a saber, na unidade completa ou desenvolvida], a unidade e a separação estão unidas, algo vivo que tinha sido contraposto a si mesmo <e se sente <<agora>> a si mesmo>, mas <porque> não tornava esta contraposição <diferente> absoluta. No <sentimento do> amor, o vivo sente o vivo. No amor, portanto, <está> estão resolvidas todas as tarefas, a unilateralidade autodestrutiva da reflexão, e a contraposição infinita <da inconsciência> do inconsciente, <da> unidade não desenvolvida.>

[9 verso]

<a> à unidade não desenvolvida contrapunha-se a possibilidade da separação e o mundo; no desenvolvimento, a reflexão produzia cada vez mais contraposto, o qual era unido no impulso satisfeito, até que ela contrapôs ao homem a totalidade do próprio homem, <a qual> até que o amor supera a reflexão <supera> em total ausência de objeto, <d um> subtrai ao oposto todo o caráter de um estranho, e a vida se encontra a si mesma sem outra carência. No amor <é <<tudo>> para todo <<para>> separado> o separado ainda é, mas já não como separado, como uno, e o vivo sente o vivo.

[10 verso]

<do mortal> são mortais, na medida em que separação é possível, não enquanto algo está efetivamente separado –

[Em] Amantes <possuem auto-suficiência> não há matéria, eles são um único todo vido; amantes possuem auto-suficiência, e princípio vital próprio significa apenas <,>: eles <são mortais> podem morrer <,>. A planta tem elementos salinos e terrosos que trazem em si leis próprias de sua eficácia, o que quer dizer apenas: a planta pode decompor-se. <Também o mortal> Mas o amor também procura unir o mortal, torná-lo imortal; <ele se toca e se apalpa, penetra um no outro,> a fim de superar a intuição, na qual <ainda separado> se encontra o ainda separado, ele se apalpa, penetra um no outro; o <separável> mortal abandonou o caráter da separabilidade e tornou-se um vivo. O unido já não volta a se separar; a divindade operou, criou – Mas esse unido é apenas um ponto, <vai> <de> <torna-se de> o germe se torna planta,

[11 frente]

do mais unido ele passa <pelo animal> por algo hostil até a vida humana – <Mas o separável separa> <mas os amantes se dividem disto a separação> Mas o separável retorna ao estado da separabilidade; mas <esse é> os espíritos tornam-se mais unidos do que jamais, e <es a> <es> <o que ainda era <<ela>> separado de consciência determinada <<ela põe>> é tudo posto de lado> <<todos os pontos da consciência determinada>> toda consciência, todos os

[10 verso]

<Os amantes só podem se distinguir> Uma vez que o amor é um sentimento do vivo, os amantes só podem se distinguir na medida em que são mortais, na medida em que pensam esta possibilidade da separação, não como se efetivamente algo <esteja> estivesse separado, como se o possível ligado a um ser fosse algo *efetivo*. Em amantes não há matéria, eles são um único todo vido; amantes possuem auto-suficiência, e princípio vital próprio significa apenas: eles podem morrer.

A planta tem elementos salinos e terrosos que trazem em si leis próprias de sua eficácia, ela é a reflexão de um estranho, o que quer dizer apenas: a planta pode decompor-se. Mas o amor também procura superar essa distinção, essa possibilidade <mesma como meramente pensada, não> como mera possibilidade, e unir até mesmo o mortal, torná-lo imortal <, mm [nota do editor: palavra ilegível] superar a possibilidade da separação>.

[11 frente]

O separável, enquanto ainda é algo próprio antes da completa união, causa embaraço aos amantes, ele constitui uma espécie de conflito entre a entrega total – o único aniquilamento possível, o aniquilamento do contraposto na união – e a auto-suficiência ainda existente; aquela se sente impedida por essa – o amor se irrita com o ainda separado, com uma propriedade; essa irritação do amor com a individualidade é o pudor; ele não é estremecimento do mortal, não [é] uma expressão da liberdade de se

Hegel, variantes do fragmento “Die Liebe”

momentos em que um tinha tocado <sem> o outro ou tinha sido por ele tocado, <portanto> apenas sentido e pensado, <são <<foram>> compensados> são substituídos – este separável, o fato de que antes da completa união ainda há algo próprio, causa embaraço aos amantes <que ainda não se *du* inteiramente>, ocorre uma espécie de conflito entre a entrega total – e a auto-suficiência ainda existente; aquela se sente impedida por essa – o amor <*zū*> se irrita com o ainda separado, com uma propriedade; essa irritação do amor <é> com a individualidade é o pudor; ele não é um estremecimento do mortal, não [é] uma expressão da liberdade de se conservar, <ainda> de subsistir; num ataque sem amor, um ânimo amável é ofendido por essa hostilidade, seu pudor torna-se cólera, que agora apenas defende a propriedade, o direito.

[11 verso]

Se o <próprio> pudor <mesmo> não fosse um efeito do amor, que tem a forma da irritação tão-somente sobre o fato de que há algo hostil, mas fosse ele mesmo, segundo sua natureza <se>, <sua> algo hostil que quisesse sustentar uma propriedade contestável, então os tiranos seriam os mais pudicos, assim como as garotas que não entregam <simplesmente> seus encantos sem dinheiro – ou os vaidosos que nos querem agradar com eles. – Ambos não amam, nunca, sua referência ao mortal é o contrário <de> da irritação com <seu> o mesmo – eles são despudorados. <No amor, o pudor é> Um ânimo puro não se envergonha do amor, mas se envergonha por esse não ser perfeito, por ainda existir um poder, algo hostil que <lhe> constitui um obstáculo

conservar, de subsistir; num ataque sem amor, um ânimo amável é ofendido por essa hostilidade mesma, seu pudor torna-se cólera, que agora apenas defende a propriedade, o direito.

[11 verso]

Se o pudor não fosse um efeito do amor, que tem a forma da irritação tão-somente sobre o fato de que há algo hostil, mas fosse ele mesmo, segundo sua natureza, algo hostil que quisesse sustentar uma propriedade contestável, ter-se-ia de dizer dos tiranos que eles têm o máximo de pudor, assim como de garotas que não entregam seus encantos sem dinheiro – ou dos vaidosos que querem cativar por eles. Ambos não amam, sua defesa do mortal é o contrário da irritação com o mesmo – eles lhe atribuem em si um valor <encontrado> <em si>, <que se encontraria <<em mortalidade>> nos próprios mortais> eles são despudorados. Um ânimo puro não se envergonha do amor, mas se envergonha por esse não

para a perfeição. – O pudor somente ocorre pela recordação do corpo, pela presença pessoal, no sentimento da individualidade – ele não é um temor pelo mortal, mas perante o mesmo <->, um temor que, como o amor, <afasta o mesmo> diminui o separável e com ele desaparece; pois o amor é mais forte do que o temor e não teme seu temor.

ser perfeito, ele se repreende por ainda existir um poder, algo hostil que constitui um obstáculo para a perfeição. – O pudor somente ocorre pela recordação do corpo, pela presença pessoal, no sentimento da individualidade – ele não é um temor pelo mortal e próprio, mas perante o mesmo, um temor que, como o amor, diminui o separável e com ele desaparece; pois o amor é mais forte do que o temor e não teme seu temor, mas dele acompanhado supera separações, com o receio de encontrar uma <separação> contraposição resistente e mesmo firme, o amor é um mútuo dar e receber; temeroso de que seus dons possam ser desprezados, temeroso de que <seu receber possa o separado> um contraposto poderia não ceder a seu receber, <experimentando> ele experimenta, se <sua> a esperança não <se> o enganou, se ele mesmo se encontra de todo; aquilo que recebe não se torna com isto mais rico do que o outro; certamente enriquece, mas igualmente o outro; da mesma maneira, aquilo que dá não se torna mais pobre; ao dar ao outro, aumentou outro tanto seus próprios tesouros; Julieta em Romeu: quanto mais dou, tanto mais tenho etc.

[10 verso]

<Dand so> O amor adquire <para si> esta riqueza da vida <ao> na troca de todos os pensamentos <totalmente>, de todas as multiplicidades da alma, ao procurar infinitas diferenças e achar para si <fin [certamente o início de "finden", encontrar]> infinitas uniões, voltando-se para toda a multiplicidade da natureza, a fim de sorver o amor de <sua> cada uma de

suas <E> vidas. O mais próprio se une no contato, no apalpar, até a inconsciência, a superação da diferença.

o mortal abandonou o caráter da separabilidade, e um germe da imortalidade, um germe do que eternamente desenvolve e gera a partir de si, um vivo se fez. O unido já não volta a se separar; a divindade operou, criou – Mas esse unido é apenas um ponto, os amantes <nada lhe conferem> nada lhe podem conferir, para que <ele> nele <pudesse ser que> se encontrasse um múltiplo, pois na união não foi tratado um <múltiplo> contraposto, ela é <totalmente> destituída de toda separação; <ele> o próprio recém-gerado tem de ter <unido> contraído <nele> em si, contraposto e unido em si tudo aquilo pelo qual ele pode ser um múltiplo, ter uma <determinada> existência. o germe

[11 frente]

se solta cada vez mais na contraposição, e começa, cada etapa de seu desenvolvimento é uma separação, a fim de <ele mesmo> voltar a ganhar <tudo para> toda a riqueza da vida: <Assim é, agora,> E assim é, agora, o unido, os separados e o reunido <tudo> <a própria criança é para os pais união <> de>. Os unidos voltam a se separar, mas na criança a <sua> própria união tornou-se <permanente> inseparável.

[12 frente?]

Essa união do amor é certamente completa, mas <ela pode> ela só pode sê-lo até onde <o separado é capaz de uma união no sentimento> o separado é contraposto apenas de tal maneira que um é o amante e o outro o amado, sendo, assim, cada separado <uma parte de um> um órgão de um vivo; <pois tão-somente o vivo é capaz> além disto, entretanto, os amantes ainda estão em ligação com muita coisa morta, a cada qual <pertence> pertencem muitas coisas, <são> quer dizer, cada qual se encontra em relação com contrapostos, os quais ainda são contrapostos, objetos, também para aquilo mesmo que relaciona. e assim eles ainda são capazes de uma múltipla contraposição na múltipla <posse e aquisição> <aquisição e posse> aquisição e posse de propriedade e direitos – o morto que se encontra sob o poder de um <morto> está contraposto a ambos, e a união acerca disso <poderia> <ocorrer> parece poder ocorrer tão-somente ao se submetê-lo ao <poder> domínio de ambos. <O que> O amante <que não> que vê o outro na posse de uma propriedade <tem de sentir-se vexado, mas> tem de sentir esta particularidade do outro, a qual ele quis, mas não pode ele mesmo suprimir o domínio exclusivo do outro, pois isso seria novamente uma contraposição, <contra o poder do outro, uma vez que também não pode encontrar uma outra relação ao objeto,>

[12 frente]

Não obstante a união ser completa no amor, ela o é entre os próprios amantes. O amor é um mútuo dar e receber, mas, ao receber, um dos amantes não se torna mais rico do que o outro; certamente enriquece, mas igualmente o outro; da mesma maneira, aquilo que dá não se torna mais pobre; ao dar ao outro, deu igualmente a si mesmo e aumentou seus próprios tesouros; Julieta em Romeu: quanto mais <tenho> dou, tanto mais tenho, <o> etc.

Uma vez que <embora> esta união do amor <du> é completa, mas ocorre tão-somente entre os amantes, eles são capazes <fora de si> ainda de uma múltipla contraposição, de uma múltipla posse de propriedade e direitos – Neste caso, o mais pobre hesita em receber do mais rico, em pôr-se em igualdade de posse com ele, porque esse realizou uma ação da contraposição, pôs-se fora do <domínio> círculo do amor <e> demonstrou sua auto-suficiência;

mas a este temor que <a> sua propriedade desperta o possuidor se antecipa, suprimindo logo em relação <amante> ao amante seu direito da propriedade, que lhe assistiria em relação a qualquer um; presen-

[12 verso]

<uma vez que não <<poderia>> encontrar também uma outra relação ao objeto a não ser a dominação do mesmo, assim teria de> ele contraporía <sua> uma dominação ao domínio do outro;² < <a si mesmo ele pode>> e mesmo assim ele não pode por outro lado <<sentir>> sentir de outra maneira a não ser como <restringido> separado pela separação do outro>

[12 frente]

<mas a este temor que sua propriedade desperta o possuidor se antecipa, <demonstrando logo> ab-rogando perante o amante seu direito da propriedade, que lhe assistiria em relação a qualquer um.

2. Como o que se segue, até “... só que disso não se fala”, foi riscado por Hegel, o raciocínio continua mais adiante, a partir de “e suprimiria uma relação...”.

teia-o.

[12 verso]

Presentes são renúncias de uma coisa que <simplesmente> não pode perder o caráter da propriedade; apenas o sentimento do amor, o gozo é comum; <uma vez que> o que é meio para o gozo é <uma> apenas propriedade, e, uma vez que o amor nada faz de parcial, assim ela não pode receber nada que permaneça ainda um meio, uma propriedade mesmo na ocupação; uma <d> coisa, <etwas inso> algo que se encontra fora do sentimento do amor, não pode ser algo em comum, precisamente por ser uma coisa; ou não pertence a nenhum dos amantes, ou a cada um pertence uma certa parte. Comunidade de bens significa o direito de cada um sobre <uma> a coisa, ou a <po-breza> participação igual ou a participação maior ou menor; e inclui <portanto> uma divisão, <algo> particular, direitos, propriedade – De acordo com isso deve-se julgar a maneira usual entre amantes de suspender mutuamente os direitos dos amantes sobre coisas (direito pessoal é excluído do amor já por seu nome como <algo que lhe é abominável> um serviço que lhe é abominável) e de ver isso como uma demonstração do amor. Transfere-se ao outro <um igual> direito <a seu> que o possuidor de propriedade transferiu ao outro, <mas como o> <Na comunidade de bens> a comunidade de bens ilude <por> pelo fato de que <nela> <<como o za>> as coisas não são propriedade, mas nela está oculto o direito, a propriedade de uma parte das mesmas.

[12 verso]

Presentes são renúncias de uma coisa que não pode perder o caráter de um objeto; o que é morto é tão-somente propriedade, e, uma vez que o amor nada faz unilateralmente, não pode receber nada que também na ocupação, na união do domínio, ainda permaneça um meio, uma propriedade. Uma coisa, algo que se encontra fora do sentimento do amor, não pode ser algo em comum, precisamente por ser uma coisa; se deve ser algo em comum, então não pertence a nenhum dos amantes ou a cada um pertence uma certa parte. Comunidade de bens significa o direito de cada um sobre a coisa, seja a participação igual, seja a participação indeterminada; ela sempre pressupõe uma divisão, e na verdade a necessidade dessa divisão, pressupõe algo particular, direitos, propriedade, certamente não o meio parado do inutilizado, morto, mas sua necessária divisão no uso; com aquela não separação da propriedade <não usada>, a comunidade de bens ilude com uma aparência da total supressão dos direitos, mas no fundo é mantido também um direito sobre <a> <uma> aquela parte da propriedade <que propriamente tinha sido pensada como comum, a qual> que não é consumida imediatamente, mas apenas utilizada, só que disso não se fala.> <O mesmo> e suprimiria uma relação <Aus> <Akt> do outro, sua exclusão <auf> de todos; e, se a posse e a propriedade constituem uma parte tão importante de suas preocupações e pensamentos, assim também os amantes <têm de> não podem se abster de refletir neste <esta re-

lação> lado de suas relações; e, se o uso já é comum, o direito à posse <continua> permaneceria assim indecيدido; <e, caso a posse desta coisa seja comum, <<assim cada um teria>> o possuidor teria abandonado seu direito em relação ao outro, de tal maneira> <o direito> o pensamento do direito certamente não seria esquecido, porque tudo o que os homens possuem agora tem a forma jurídica da propriedade; mas <assim tem>, se o possuidor também coloca o outro em igual direito de posse, então a comunidade de bens <significa> é apenas o direito <sobre> de ambos sobre <coisa> a coisa.